



## **Alliance for Childhood – Movimento Internacional**

**Palestrante:** Christopher Clouder - Presidente do Fellowship das escolas Waldorf para o reino Unido e Irlanda e o CEO do *Conselho Europeu para a Educação Waldorf* em Bruxelas, co-fundador e diretor internacional da *Alliance for Childhood*.

**Email para contato** (língua: inglês): [c-clouder@msn.com](mailto:c-clouder@msn.com)

Helle Heckman ressaltou a importância da repetição, portanto, vou repetir tudo que ela disse, mas de um modo um pouco diferente, já que nunca fui um professor de jardim de infância e as únicas crianças com quem tive contato são da minha própria família. Entretanto, tenho um grande interesse pelos primeiros anos de vida do ser humano que, por muito tempo, têm sido meu objeto de observação.

Helle Heckman falou sobre o fato de cada criança encontrar seu próprio caminho, da necessidade de respeitar o ser humano que está dentro de cada um e da importância da criação de um espaço onde elas possam respirar para, assim, encontrarem a si mesmas. O título de nossa conferência "Os caminhos da infância" é digno de reparo, pois existem tantos caminhos diferentes e é isso que devemos respeitar sempre: a individualidade que está surgindo nas crianças e, da mesma forma, respeitar as nossas próprias individualidades como adultos que trabalham com crianças. Além disso, esse título chamou muito minha atenção devido ao trabalho de pesquisa que eu estava desenvolvendo no ano passado acerca da educação social e emocional, cujo resultado foi publicado no mês passado em inglês, espanhol e francês. Esta pesquisa trata do modo



como abordamos a infância e a educação a partir de um aspecto social e emocional, fazendo-nos perceber as deficiências do nosso sistema atual de educação. Eu gostaria de ler uma citação que inicia este estudo escrita por Antônio Machado, um poeta espanhol: "não há caminho definido, nós traçamos nossos caminhos ao seguir sozinhos". Acredito que quando falamos sobre a Aliança pela Infância é exatamente disso que temos que lembrar. Em outras palavras, sempre que estivermos adentrando um território desconhecido é necessário que estejamos preparados e que tenhamos coragem para correr riscos nos novos territórios que abrangem a existência humana. Não podemos procurar por receitas prontas que nos ensinem como seguir o caminho. Talvez no passado essas tais receitas ou fórmulas existissem e funcionassem de fato, contudo, de nada servem para o momento em que vivemos e nem para o futuro. Isso torna todo o trabalho mais difícil, de modo que acabamos sentindo certo medo e certa insegurança, mas sentir-se assim faz parte de nossa identidade e de nosso tempo. Se notarmos o que normalmente é feito na educação infantil e na criação da criança, descobrimos que apelamos para caminhos do passado que não funcionam mais e que não satisfazem às necessidades atuais da criança como indivíduo.

Mas, esse é um trabalho que não podemos fazer sozinhos e é por isso que, devemos desenvolver entre nós um senso de parceria, solidariedade, interesse e compreensão. O objetivo não é dizer que um caminho é certo e outro é errado, mas sim procurar se interessar e apoiar amplamente o trabalho de cada um de nós, para que tenhamos coragem de descobrir o que precisamos hoje. Os nossos sistemas educacionais são originários das idéias do século XIX de produção em massa da educação, o que faz com que nós nos concentremos intensamente em trabalhar somente o aspecto



intelectual, acadêmico e o julgamento crítico do ser humano. Qualidades estas dos quais nós necessitamos, evidentemente, mas a que custo? A custo de todos os outros elementos que são importantes para o ser humano: o social e o emocional.

Se olharmos ao redor do mundo, percebemos que a infância está se tornando um tema principal. Uma década atrás, essa não era uma questão tão urgente quanto é agora. Recentemente, houve uma pequena diminuição da pressão, o que acredito ser algo extraordinário, de modo que alguns países da América Latina como Argentina, El Salvador, México, Panamá e Paraguai se uniram através do Banco de Desenvolvimento Interamericano e fundaram a Aliança da Infância há alguns meses atrás. De fato, eles deram o nome de Aliança da Infância e eu não acho que isso tenha alguma familiaridade com o nosso trabalho, já que este é pequeno e modesto. Mas acho notável que eles tenham criado o mesmo título para seu trabalho conjunto. Isso é sintomático, pois a infância, atualmente, é uma grande questão e o modo como a tratamos se tornou um assunto muito debatido. Em meu país, o Reino Unido, essa é uma discussão sem fim, dia após dia, acerca do que está acontecendo com as nossas crianças e de como podemos satisfazer suas necessidades, visto que não conseguimos fazer isso muito bem. Podemos ver diversos aspectos da infância que estão ficando cada vez piores ao invés de melhores. De acordo com um relatório da OECD (Organização de Cooperação e Desenvolvimento da Economia), composta por trinta e sete países: "ao mesmo tempo um grande número de pessoas está se tornando cada vez mais ciente de que muitos dos problemas sociais corrosivos, que afetam a qualidade de vida, têm sua origem na ecologia da infância".



Assim, os problemas sociais que afetam nossas sociedades, que vemos na mídia e que fazem com que nós nos questionemos têm, de fato, sua origem na ecologia da infância. As raízes desse desastre presente em nossas sociedades e entre as nossas culturas nascem no trabalho descrito por Helle Heckman. E agora, isso foi reconhecido pelas organizações intergovernamentais e, aproximadamente seis delas estão levando o assunto a sério e tentando mudar a forma como trabalham com as crianças: o Banco Mundial, A Organização Mundial de Comércio, UNICEF, UNESCO, OECD e a União Européia. Estas seis organizações estão formulando políticas e idéias que percorrem o nível internacional, nacional e governamental, nos quais já estão sendo implementadas. No entanto, há um perigo disso se tornar homogêneo, de modo que haja uma receita ditando o que é certo e o que é errado e, de nos esquecermos da individualidade que todos temos e que deve ser respeitada em nossas crianças. De um lado, há o evidente aspecto econômico, um argumento importante para todos os governos, já que com uma infância de melhor qualidade e com um cuidado educacional maior é menos provável que tenhamos problemas sociais no futuro. Isso significaria menos prisioneiros, custos sociais mais baixos e uma menor necessidade de assistência social. Mas, também representa um perigo, pois pode levar a uma moderação de recursos investidos na criação de políticas que analisem as estatísticas do que vale e do que não vale a pena ser realizado.

Acabei participar de uma conferência que discutia esses mesmos temas e, enquanto estávamos sentados lá com umas cem pessoas preocupadas com a infância, ao longo do dia havia uma inquietação no lugar, devido ao fato de não haver sequer uma criança lá. Nós tínhamos as estatísticas, a parte científica e as mais recentes e incríveis descobertas biológicas que ressaltaram e mostraram tantas coisas sobre nós mesmos.



Mas, nós nunca devemos nos esquecer de respeitar a criança. Às vezes, se o trabalho se mantém nessa arena política e acadêmica, a criança pode se perder, sendo preciso trazê-la de volta. É exatamente isso que nós da Aliança pela Infância fazemos: respeitamos a criança, não somente no sentido literal da palavra, mas também a criança que está dentro de nós, de forma a respeitar tanto a infância das crianças, quanto àquela que está guardada em nós mesmos e a encontrar uma maneira de trabalhar com isso, a ponto de conseguirmos suprir às necessidades de hoje. Então, não é uma questão de fórmula, mas sim de mudança. É preciso começar essa mudança em você mesmo, pois o que importa é o seu interior e não o exterior.

Quando você lida com uma criança, seja como educador, pai, mãe ou qualquer pessoa é preciso saber disso. Para respeitar uma criança, é necessário também ter a habilidade de se transformar para satisfazê-la bem como suprir as necessidades da infância cuja natureza está em constante mudança. Por este motivo é que nós devemos trabalhar juntos. Existem várias organizações em que diversas pessoas altamente dedicadas fazem tanto pelas crianças e cujo trabalho é excelente, particularmente em certos países que inclusive lidam com a questão da depravação, pobreza e violência. Contudo, precisamos que não somente as organizações façam isso, mas também as raízes de nossos lares, o cenário dos primeiros anos de vida da criança e das escolas, para que sejamos capazes de criar uma mudança em nós mesmos e perceber qual é a necessidade da criança e descobrir em nosso interior a maneira pela qual devemos nos equipar a fim de realizar esta tarefa especial.

Janusz Korczak, pedagogo polonês, é um exemplo perfeito de alguém disposto a mudar si mesmo, inclusive a ponto de morrer por suas crianças. Gostaria de ler uma passagem que ele escreveu: "você diz que lidar com crianças é algo cansativo e você está certo. Você diz que o cansaço é devido ao fato de termos que nos rebaixar para ficar da altura do intelecto delas, que é de nível inferior, imbecil, vedado e oprimido; você está enganado. Não é por isso que é cansativo, mas sim porque temos que alcançar os sentimentos delas, alcançá-los de modo a nos alongar, levantar-nos a ponto de ficar nas pontas dos pés". Portanto, os gestos em relação à infância não são para baixo, mas sim para cima, pois nós não estamos descendo para alcançar a criança em um nível inferior, mas sim indo para um nível superior em direção a ela. Normalmente, quando nos apoiamos em políticas e teorias, estamos olhando para baixo e para trabalhar com crianças é preciso olhar para cima para que nos tornemos melhores e não tornar a criança melhor. É uma forma a desenvolver e lidar com a infância que está dentro de nós. Mas, para fazer isso precisamos uns dos outros.

É preciso lembrar quais são os aspectos importantes a respeito da criança. Certamente, um dos mais importantes é o brincar, por isso temos que trazer o prazer da brincadeira para nossas vidas e para o nosso trabalho com elas. Já dizia Friedrich Schiller, o grande poeta romântico alemão: "o ser humano somente é humano por completo quando brinca e, somente brinca quando é humano por completo". Essa é a essência de tudo, pois deste modo podemos tornar nossa tarefa prazerosa e encontrar nesse processo a alegria que uma criança nos dá, a alegria que um bebê traz quando nasce, o riso que se espalha ao redor dele e que ele evoca em nossas almas. Isso pode ser alcançado se nós trabalharmos juntos e tivermos compreensão, interesse e disposição



para apoiar uns aos outros. Portanto, a nuvem negra e o peso que rodeiam nosso trabalho, devido aos enormes problemas da infância que existem no mundo todo, como a depressão, as doenças graves e o fato de, por exemplo, cada vez mais crianças tomarem *ritalina*, podem desaparecer na medida em que compartilharmos nosso trabalho e reencontrarmos a alegria própria da brincadeira da criança, ao fazermos isso.

A Aliança busca exatamente isso, de forma que é uma rede de indivíduos e organizações que querem brincar uns com os outros, metaforicamente falando. Entretanto, acho que esse prazer de brincar é essencial para os nossos corações continuarem a bater, pois por meio da brincadeira eu posso me transformar, ver as coisas de uma maneira diferente e, assim, encontrar a alegria da infância, que é o que estamos fazendo hoje aqui.

É difícil vir ao Brasil e não citar Paulo Freire, cujo discernimento a respeito da educação era incrível. Há trinta anos ele definiu o que hoje é a Aliança, antes mesmo de sua criação: "a busca pela humanidade completa, no entanto, não pode ser feita através do isolamento ou individualismo, mas somente por meio de companheirismo e de solidariedade". Através desse companheirismo e solidariedade, podemos apreciar nossas diferenças e trabalhar juntos e é isso que estamos tentando fazer na Aliança pela Infância.